

O Culto Protestante e o lado esquerdo do cérebro

(Uma análise do papel das Igrejas protestantes históricas na cultura brasileira)

Rev. Elias Vergara*

Introdução

A racionalidade que invadiu o jeito de ser protestante, produziu um perfil religioso em que o culto tornou-se uma experiência puramente racional.

Na formação dos pastores, sacerdotes, os seminários dão uma extrema importância às cadeiras que pretendem habilitar o estudante nas faculdades de raciocínio lógico. A hermenêutica apoia-se em uma exegese extremamente científica que acaba por tratar o texto bíblico com tal racionalidade, que não sobra espaço para a livre interpretação do leigo comum e a experiência mística da palavra é empobrecida.

Com a centralidade da palavra no culto protestante histórico, a homilia, instrumentalizada pela exegese científica, torna-se um espaço nobre onde pregador e ouvintes, estão desafiados ao exercício da razão, da inteligência, do raciocínio lógico. Bom pregador, neste contexto, é aquele que possui a melhor argumentação teórica, consegue citar o maior número de autores que discutem o assunto em questão. Esta inteligência do pregador é cultuada pelos seus fiéis, que apesar de poucos, legitimam o desejo daquele, em ser apreciado no seu esforço racionalista.

Segundo a neurologia, o lado esquerdo do cérebro é responsável pela linguagem, raciocínio lógico. Com certeza, no mundo protestante histórico, os cidadãos possuem um Q.I. mais elevado, tal é o esforço em desenvolver o lado esquerdo do cérebro.

Com o advento do pentecostalismo, onde, a princípio, era proibido estudar teologia, os líderes pastores mal possuíam as condições mínimas de leitura, para poder se utilizar do texto bíblico nas suas práticas de culto. Inauguraram assim um outro jeito de ser em sua religiosidade, onde outros elementos do conhecimento humano foram sendo explorados. Aqui, em vez da razão, a ênfase é o coração. O conhecimento científico é substituído pela confiança irrestrita na inspiração divina. O pregador não se reveste de um poder de persuasão pessoal em relação ao ouvinte, pois é o próprio Deus que fala por seu intermédio. Outros elementos vão sendo incorporados a prática de culto pentecostal, tais como o louvor, a cura, a glossolalia, o exorcismo. E através destes outros elementos, o êxtase se desencadeia e a religiosidade é absorvida e se incorpora no cidadão proporcionando-lhe uma nova conduta de vida e de sentido de sua existência.

Apesar do fenômeno pentecostal trabalhar o ser humano em dimensões mais abrangentes, do que antes o protestantismo histórico conseguia fazer, há ainda uma grande questão que não se resolveu no Brasil: a inculturação religiosa. Somos uma cultura marcadamente corporal. O futebol, o carnaval, nossa musicalidade e a recente avalanche de programas de TV, onde seus animadores

* Sacerdote anglicano, psicanalista e Coordenador do CANT (Diocese Anglicana de Brasília)

utilizam demasiadamente a linguagem do físico; impõe um grande desafio para o propósito da inculturação: Nosso culto precisa trabalhar a linguagem do corpo, numa perspectiva realmente libertária. O recente fenômeno manipulado pela mídia, que tem como protagonista o Pe. Marcelo Rossi, é um indicativo claro de que uma proposta religiosa que trabalhe a linguagem do corpo, tende a ter uma rápida resposta dentro da cultura brasileira.

O lado esquerdo do cérebro

Nosso cérebro está dividido em dois grandes hemisférios: O hemisfério direito e o hemisfério esquerdo. Cada um destes hemisférios é especializado em atividades bem distintas uma da outra, em relação as atividades humanas desenvolvidas.

Especializações do Cérebro Humano:

Os dois hemisférios cerebrais são, em linhas gerais, simétricos, mas diferentes funções podem ser identificadas para o hemisfério direito e esquerdo. A especialização hemisférica melhor estudada é a linguagem. A capacidade da linguagem fica situada no hemisfério dominante. O lado esquerdo do córtex é dominante em 95% das pessoas destros e em cerca de 70% de todas as pessoas canhotas (sinistras). No hemisfério dominante (esquerdo), existem duas áreas para a linguagem:

O hemisfério dominante é apto para o raciocínio seqüencial, como o que é necessário para a formulação de uma frase. O hemisfério não dominante é apto para o raciocínio para resolver um quebra-cabeça e é importante para a consolidação da memória não verbal.

O hemisfério direito do cérebro irá determinar o prazer, a alegria, a euforia, o êxtase, a tristeza, o desânimo, a depressão, o medo, a ansiedade, a raiva, a hostilidade e a calma - estas e outras emoções contribuem para a riqueza de nossa vida pessoal e conferem paixão e caráter de nossas ações. O sistema límbico ajuda a controlar o comportamento emocional. O afeto é um desenvolvimento a partir dos sentimentos mais primitivos do ser humano.

O culto anglicano

O culto anglicano é uma experiência litúrgica escrita. O Livro de Oração Comum é uma grande coletânea de ofícios sacramentais, onde toda a ação litúrgica está previamente determinada. Tudo está previamente determinado: a participação do leigo (povo), do diácono, do presbítero e do bispo. Quem fala, quando fala, quanto fala, tudo está previsto.

Apesar de haver previsões em suas rubricas para que o celebrante possa diversificar o uso do texto na liturgia, o que ocorre na prática, é que o culto limita-se ao que está escrito no livro.

Com a influência da Reforma Protestante do século XVI, uma boa parte da Igreja, assume uma postura bastante protestante, no que diz respeito a centralidade da Palavra na experiência de culto.

No Brasil, por influência da origem Norte-americana, de onde veio efetivamente o anglicanismo para cá, a experiência de culto foi profundamente marcada pela tradição protestante da Igreja.

Somente a partir a década de 50, sessenta anos depois da Igreja Anglicana estar estabelecida no Brasil, é que teólogos brasileiros formados na Inglaterra, trouxeram a tradição mais antiga e fortemente predominante do anglicanismo - a tradição católica.

Com esta influência, a eucaristia assume na vida da Igreja Anglicana brasileira um novo lugar. Agora a palavra e a eucaristia como ação sacramental, disputam o mesmo grau de importância da vida do culto nas comunidades. Mesmo com esta forte influência da catolicidade da Igreja, em sua tradição, a palavra continua a ser o ponto culminante na experiência do culto.

O fato de que a liturgia é uma experiência acumulativa, e portanto registrada em um livro, que para alguns é tão sagrado quanto a Bíblia, criou-se um certo Fundamentalismo do Livro de Oração Comum. Este Fundamentalismo foi assumido principalmente pelo episcopado, que segundo a tradição da Igreja Anglicana, são os guardiões da liturgia e por conseguinte do Livro de Oração Comum.

A idéia de se ter um Livro que possui uma liturgia comum, ou seja um texto comum a toda a Igreja no mundo todo, é do ponto de vista da cultura, uma opção extremamente castradora e inibidora do processo de inculturação.

Na medida que dificilmente se faz liturgia sem o Livro, isso implica que para participar de uma liturgia anglicana, é necessário que se saiba ler. E não só ler, mas ter a capacidade de entender como está estruturada a ordem da participação de cada um dentro do ritual dos diferentes sacramentos e ritos.

Minha experiência da liturgia anglicana em meio a comunidades carentes e analfabetas é muito desafiadora. Dirigir um culto em meio a analfabetos impõe ao celebrante que ele entenda muito mais de liturgia do que aqueles que simplesmente lêem o ritual. É necessário abandonar o livro. Estabelecer uma comunicação direta com o povo que está ali diante de você e que possui outros signos, outros valores, outra compreensão do mundo, diferentes daqueles que a tantos séculos atrás, em uma cultura tão diferente da nossa, elaboraram a liturgia anglicana.

Apesar de muitos esforços no sentido de inculturar nossa hinologia, as músicas que ainda se canta na maioria das comunidades, no culto anglicano, são extremamente européias e de tradição protestante do século XVI. A tentativa de abrasileirar nossa música, não tem tido muito sucesso nas bases da vida da igreja. A preocupação em que uma nova hinologia tenha uma teologia de altíssimo nível, resulta que os textos dos hinos não respondem as perguntas que nosso povo se faz. Com a preocupação de ritmos bem brasileiros e musicalmente corretos, se produz um resultado de bom nível racional e intelectual, porém a alta eficiência inibe a adesão dos destinatários. Isso sem falar que os protagonistas do esforço de inculturar o louvor, na experiência da Igreja, tratam de sua tarefa como um movimento seu, que depende sempre de quem produziu a música para que ela aconteça. É sempre necessário que um especialista esteja presente para que se possa fazer algo realmente novo. Falta a perspectiva de movimento musical que o povo da Igreja possa assumir como seu. Assim sendo, muitas comunidades e líderes religiosos preferem manter a hinologia tradicional e

completamente européia, pois esta o povo conhece, canta e se encanta com sua mensagem, que continua a responder muitas de suas perguntas existenciais e espirituais.

Cabe aqui uma referência particular. Dada a pluralidade com que a Igreja Anglicana trabalha sua liturgia. Há espaços para uma verdadeira inculturação. Apesar do Livro de Oração Comum, existem hoje experiências de vivência litúrgicas em que se conseguiu incorporar a cultura local - refiro-me ao que acontece com a Igreja anglicana da África, por exemplo. Aqueles países que não sofreram o processo de colonização Inglesa, conseguiram converter a liturgia anglicana nas expressões culturais mais bonitas e significativas para aquele povo. E é sintomático que nesta região de nosso planeta, a Igreja anglicana tenha conseguido crescer de forma impressionante. Há na África uma experiência que o mundo anglicano, e quem sabe outras Igrejas protestantes históricas, precisariam estudar e experimentar.

A centralidade da homilia e da exegese

Na formação tradicional das igrejas protestantes, valoriza-se demasiadamente as cadeiras que serão instrumentais para uma excelente hermenêutica bíblica. As línguas originárias da Bíblia, o grego e o hebraico, os gêneros literários, a crítica das formas, o estudo da arqueologia bíblica, a história do povo de Israel, condições mínimas para alguém que pretende se aventurar na leitura exegética da Bíblia.

Os estudantes em busca da eficiência em seu aprendizado, começam a ler exaustivamente muita literatura sobre a Bíblia, acumulam centenas de informações sobre ela, porém não aprendem a ler adequadamente a própria Bíblia. Não conseguem mais ler o livro Sagrado, como qualquer cidadão comum o lê. A busca agora não está mais dentro da Bíblia e sim fora dela. Aquilo que ela traz como informação e conteúdo, tem pouco significado. Importa as informações de exegetas e peritos no mundo da cientificidade bíblica.

Não é incomum ver-se pastores e sacerdotes, recém formados, com uma enorme dificuldade de comunicarem-se com o povo da comunidade que lhes enviou para o ensino teológico. O cientificismo teológico invade a conduta da liderança das Igrejas protestantes e já não consegue sequer responder adequadamente aqueles estão inseridos no mundo da modernidade, quem dirá para aqueles que ainda vivem no mundo pré-moderno.

É comum que um pastor ou sacerdote, prepare-se durante uma semana afinco para executar uma homilia. Leituras, muitas pesquisas para formular um excelente discurso. E a comunidade espera realmente que seu pastor seja brilhante no seu discurso, muito embora, na maioria das vezes, não consegue assimilar metade daquilo que é dito pelo pastor ou sacerdote. No restante da liturgia do culto, no caso anglicano, simplesmente se repete, a cada serviço religioso, a mesma hinologia, o mesmo cerimonial.

Com o advento da televisão, as técnicas de comunicação adotadas em nossos templos, tornaram-se obsoletas. A comunicação televisiva é sempre feita em forma de interpretação. Não se vê, alguém lendo um texto. Em um culto tradicional anglicano exige-se dos participante, uma alta capacidade de ouvir. A palavra falada ocupa quase 90% do serviço religioso. E saindo dos templos, o

cidadão é bombardeado pelos meios de comunicação modernos que atingem muito mais a visão, do que o ouvido.

Ora, quando você simplesmente ouve uma palavra, ela exige que na elaboração mental, você crie uma imagem que irá corresponder, para você, aquela palavra que lhe foi dita. Assim funcionam nossos cultos protestantes históricos. Temos uma comunicação completamente dissociada da comunicação com a qual vivemos no cotidiano. A comunicação secular é audiovisual e a de nossos cultos é, por excelência, uma comunicação que usa somente a palavra como recurso. Nossos corpos ficam estáticos e imóveis

No mundo do cinema, da TV, do vídeo game, do computador, há uma palavra e muitas imagens que a ela correspondem, ninguém precisa criar a imagem. Ela já está pronta. Isso acelera muitíssimo o nível de comunicação e absorção das idéias a serem comunicadas.

O lúdico da cultura brasileira

O povo brasileiro, na sua grande maioria, trabalha para viver e não vive para trabalhar. Esta herança, com certeza foi introjetada pela cultura indígena e africana. Nestas culturas o mundo é muito mais festa, brinquedo, sonho, prazer.

Em nenhuma experiência de nossa cultura, o lúdico é tão claramente identificado, como nas festas de carnaval em suas diferentes edições. No carnaval, vive-se uma experiência extremamente libertária. Imaginemos o que significa para alguém que mora em uma comunidade pobre em um dos morros do Rio de Janeiro, que durante o ano inteiro passa fome e outras necessidades, e derrepente entra na Avenida da Marques de Sapucaí, vestindo-se com luxo e beleza, investido do personagem que ele desejaria viver no seu cotidiano. Alguns, mais radicais vêem nesta experiência um mergulho no ópio. Mas como entender o valor do ópio, sem ter sentido uma dor insuportável? Mais ao Sul do país, onde os brasileiros de lá, sofreram uma influência cultural muito européia, na sua formação cultural, o carnaval dura apenas dois a três dias. No Nordeste, onde a cultura dominante é Afro e indígena, o carnaval dura meses e ainda o celebram em outras épocas do ano.

Uma outra expressão forte de nossa cultura é o futebol. Ele incorporou-se em nós como identidade. Todo o brasileiro que se preza torce por algum Clube de Futebol. Ir ao um Estádio assistir a uma partida de futebol é um acontecimento que não só faz bem a cultura, mas também faz bem a saúde.

Nossa saúde mental necessita, assim como a saúde física, de um mecanismo de excreção. Nossa mente absorve episódios positivos e negativos. Alguns fatos são rejeitados, porque não couberam adequadamente em nosso ser, então eles precisam ser eliminados. Aí, geram-se as neuroses, na medida que não dispomos de um mecanismo adequado - o terapeuta - para descarregar aquilo que nos fez mal.

Terapia convencional é um tratamento para uma elite econômica. Impossível ao povo simples deitar-se em um divã. Então o futebol, bem como os grandes shows, os grandes comícios, as grandes passeatas; atos públicos onde grita-se muitas palavras de ordem contra ou a favor de alguém, ou alguma coisa. Cumprem estes eventos, um papel terapêutico de vital importância para a saúde

mental do cidadão, principalmente daquele que não pode contratar um terapeuta. Futebol, além de lúdico é terapêutico.

Nosso povo brasileiro tem o samba no pé. A dança faz parte do nosso jeito de ser. A dança, tem uma influência muito forte do povo afro, mas também vamos encontrar esta expressão dentro da cultura indígena, e européia (alemã, italiana, espanhola e portuguesa). Dançar é uma vocação da nossa gente. E hoje a mídia descobriu que a música precisa estar associada à dança. Os novos cantores, que fazem o maior sucesso, são aqueles que possuem a melhor coreografia e não aqueles que possuem o melhor conteúdo musical.

Nós somos uma cultura da dança. Nossos corpos necessitam de festas, de brincadeiras, de música, de futebol, de praia, de dança. Os melhores sambistas, os melhores craques do futebol, a maioria dos bons cantores e bandas advém, justamente da camada social mais empobrecida da sociedade. Isso sinaliza, que a nossa cultura lúdica, é uma expressão quase da totalidade de nosso povo, principalmente da camada mais simples e pobre.

Não somos uma cultura do livro. Nosso saber não entra pelos olhos ou pelos ouvidos. Nosso saber cultural entra pela nossa pele. É o corpo, como um todo que se comunica, que sente o afeto ou o desafeto, que senti o prazer ou o desprazer. E a mídia, já descobriu isso, a muito tempo. Os principais programas de TV, mostram exaustivamente a produção cultural musical que faz com que todos dançam. Não importa mais o conteúdo da música. A música sertaneja, que fala para o coração e as bandas que exploram as "bundas" lindas de mulheres, atingem diretamente aquilo que culturalmente estamos muito mais aptos a entender - o lúdico - o lado direito de nosso cérebro.

Entre Marcelo Rossi, louvor pentecostal e o show da Xuxa

O Louvor Pentecostal:

É sabido que no mundo pentecostal, ignora-se a cultura brasileira. Todas as suas expressões são abomináveis e diabólicas. Rejeitar a cultura, a priori, é comprometer o sucesso de qualquer esforço de comunicação com a sociedade. Como então explicar o sucesso de adesão conseguido pelos mais diferentes segmentos do pentecostalismo?

Não há Igreja pentecostal que se preze, sem um forte louvor. A música é, muito mais do que a palavra, o centro de sua liturgia. E a palavra, quando utilizada, não é fruto de uma elaboração científica, racional, ela é fruto de uma inspiração divina. Não é palavra humana simplesmente - ela tem gosto de inspiração de Deus, entra no campo da subjetividade, o lado direito do cérebro!

No mundo pentecostal se construiu uma cultura musical paralela a própria cultura musical brasileira. A princípio, rejeita-se os ídolos da MPB (Música Popular Brasileira), pois é pecado idolatrar; mas cria-se uma MPP (Música Popular Pentecostal), que por falar de Deus, está isenta de todos os interditos do pecado. Então os crentes recriam todo o mecanismo existente na cultura da MPB: A música que mexe com o corpo, os cantores e bandas Gospel, e entre eles se projetam seus ídolos. Os grandes Shows de Música Evangélica, funcionam psicologicamente, do mesmo jeito que qualquer Show da MPB - é o espaço da catarse, os corpos crentes se abraçam e se erotizam, como em qualquer outro

acontecimento de massa. E os ritmos deste louvor vão assumindo pouco a pouco o ritmo do Brasil.

Há porém um problema. É verdade que a música pentecostal tende a cumprir o papel de encontrar-se com a cultura. Porém, o forte fundamentalismo e o pietismo existentes na dogmática pentecostal, faz com que haja uma forte ruptura entre o lúdico experimentado no louvor, e o entendimento pecaminoso do uso do corpo. Teologicamente, no contexto pentecostal, o corpo não é objeto do prazer. O prazer é pecado. Então podemos concluir que toda a resposta encontrada através da MPP, é na realidade uma forma de extravasar a necessidade cultural intrínseca em nossa brasilidade. Mas no cotidiano da vida, os corpos dos crentes não estão libertados para o verdadeiro prazer, que a vida nos oferece. Sua sexualidade é reprimida, como são reprimidas todas as atitudes que envolvem seus corpos, a não ser aquelas que a MPP produzir.

Resultado: O crente vive um dilema constante entre sua espiritualidade e a cultura brasileira, a cultura que corresponde ao lado direito do cérebro.

Na medida que o mundo crente descobrir que sua rejeição pelo saber científico, racionalista, identifica-se com uma conduta cultural intrínseca na sociedade brasileira, e assumir toda a dimensão humana relativa ao hemisfério direito do cérebro - o lúdico, aí então haverá um processo de inculturação religiosa brasileira, como ainda não se experimentou no Brasil.

Padre Marcelo Rossi

Quero aqui avaliar o esforço deste personagem no que diz respeito ao resultado religioso e cultural envolvidos. Há toda uma análise que se pode fazer, a partir dos interesses da grande mídia, mas vou desprezar esta leitura por ser demasiadamente óbvia.

O que se vê no fenômeno: "católicos, o retorno" ?

A princípio, podemos dizer que o objetivo imediato do movimento que denomino de Marcelo Rossi, que é trazer o católico de volta para a Igreja, está sendo alcançado. Como nunca antes se viu, multidões estão celebrando, aparentemente, sua fé.

O que a música de Marcelo Rossi (que de sua, tem muito pouco) produz como efeito religioso é exatamente o mesmo que tem produzido a MPP. Se o Pe. não se identificasse como tal, com certeza o mundo católico não responderia a nenhum de seus gestos e ele estaria no anonimato.

A grande diferença entre Marcelo Rossi e a Música Popular Pentecostal é o público. Havia e há, um grande número de pessoas que não agüentavam mais um ritual de culto completamente divorciado da cultura, mas que também não conseguem, em função também de sua cultura, abominar os prazeres da carne. Quando Marcelo Rossi foi descoberto pela mídia, esta sabia que havia este grande universo populacional completamente órfão de um pastor. Milhões de pessoas, e daí entender porque tanto interesse da mídia neste religioso.

Se observarmos a reação do público que canta Marcelo Rossi, vamos observar que em nada difere do público que canta XUXA. Não há conteúdo no que é cantado. A música mexe com o corpo. Mexendo no corpo, entra pelo hemisfério direito do cérebro - aí é o mundo da emoção - é proibido racionalizar. Então esta música embrulhada de catolicidade e algumas palavras óbvias do evangelho,

produzem um efeito imediato no público, de satisfação e reencontro com sua espiritualidade extremamente carente, pelas razões acima enunciadas.

A pergunta para mim decisiva é: este esforço religioso conseguirá encontrar-se de fato com a cultura brasileira, ou não? É cedo para se fazer uma análise mais séria a respeito. Uma coisa é certa, enquanto a mídia tiver interesse neste fenômeno, ele terá espaço e estará sendo discutido pelos diferentes setores da sociedade. Sem a mídia ao seu lado, dificilmente o fenômeno persistirá.

Marcelo Rossi tem um grande problema, está inserido e comprometido com o que há de mais pré-moderno no catolicismo: Sua música embala o corpo para atitudes libertárias, porém seu discurso freia o corpo. Sempre que inquirido sobre as questões da sexualidade, ele assume as posições mais abomináveis que nossa cultura moderna e pós-moderna pode admitir. Seu discurso não está harmonizado com sua melodia.

A mídia faz um esforço muito grande em apresentá-lo como moderno, alguém que pratica vários esportes, corpo atlético, expõem a sua sensualidade masculina (o que lembra muito o fenômeno de imagem produzido em cima de Collor de Mello). Mas há algo que a mídia não consegue fazer é converter a arcaica estrutura dogmática do catolicismo romano, fortemente presente em Marcelo Rossi.

A questão é observar se a atitude de cotidiano das pessoas que assistem Marcelo Rossi está sendo modificada. As pessoas estão se libertando, sendo de fato mais felizes? Há uma relação da experiência religiosa com uma postura de vida, ou acabado o Show, todos voltam para casa como dantes? Poderá o Padre Marcelo Rossi subsistir, sem a mídia?

São perguntas que em breve poderemos responder com maior exatidão.

Se há algo positivo deste fenômeno, é a evidência de que a religiosidade brasileira precisa urgentemente trabalhar com o hemisfério direito do cérebro. Se a gente consegue estabelecer uma comunicação com o corpo, a mensagem é aceita e introjetada. O grande desafio é: Qual a mensagem que vamos veicular?

Parece-me que Marcelo Rossi não conseguirá veicular um novo comportamento religioso mais adequado à cultura brasileira, se continuar comprometido com a velha estrutura dogmática católica.

O Show da Xuxa e seus derivados:

Lembro-me dos primeiros programas gravados pela Xuxa. Ela não gostava de criança. Tinha atitudes agressivas, pois não conseguia estabelecer com os baixinhos uma comunicação adequada. Nos primeiros programas, a infraestrutura de palco era muito precária. A apresentadora tinha que policiar as atitudes das crianças e ao mesmo tempo conduzir toda a programação. A criação da figura das Paquitas, meninas lindas, brancas, loiras, foi exatamente inserida, com o objetivo de repassar para estas meninas simpáticas, todas as atitudes antipáticas que precisavam ser tomadas no palco. Xuxa, passou então a mostrar uma outra imagem. A imagem de uma mulher boazinha, bonitinha, mas que ainda não conseguia se comunicar com as crianças.

Aí, a sábia mídia, transformou aquele modelo de passarela, que até emprestou seu corpo para revistas pornô, em uma grande cantora. Quando lançou seu primeiro disco, lembro-me que estávamos em pleno processo eleitoral.

As músicas da Xuxa, tinham um poder de comunicação tão extraordinário, que muitos políticos a utilizavam em seus programas publicitários. Descobriu-se então a fórmula mágica: O canto que mexe com o corpo.

Na televisão brasileira, até a morte do Chacrinha, um bom apresentador de TV, tinha que ter o carisma da comunicação. Chacrinha nunca cantou, tinha uma voz péssima. Mas era carismático e muito inteligente. A partir da Xuxa, descobriu-se que a comunicação precisa trabalhar com o corpo das pessoas. E nada mais eficiente do que a música para desempenhar este papel.

Outra constatação do estilo Xuxa, é a erodização da linguagem. Não basta que a música suscite a dança, é necessário que está dança exponha o interesse erótico. Então a Xuxa, apesar de trabalhar para um público infantil, expunha seu corpo, de forma a atrair também adultos que a transformaram em um símbolo sexual.

Aqui o que menos importa na música é o conteúdo. A comunicação corporal é levada a atingir os instintos mais primitivos do ser humano - a sexualidade.

Cultura e Contracultura:

Sem fazer juízos de valor ou indagar se isso é ético ou não, é preciso admitir que os meios de comunicação de massa é que têm conseguido hoje maior influência na formação da cultura brasileira. Quando não há este encontro, a comunicação não se estabelece, e se a comunicação não se estabelece, os índices de ibope caem, e por conseguinte diminuem os anunciantes e a TV vai a falência.

Se o processo religioso precisa inculturar-se, precisará então trabalhar com os meios que comprovadamente conseguem atingir a cultura da maioria dos brasileiros. Essa é uma difícil escolha que está diante de nós.

Na contramão desta cultura, que tem como espaço físico mental o hemisfério direito do cérebro, temos também um setor social que é definido pela contracultura. É o que Juan Luís Segundo denomina de "*minorias*". Este teólogo defende a idéia dialética entre massas e minoria, com a perspectiva de alcançar uma alternativa social e política para as nações dominadas pelo poder do capitalismo.

José Comblin afirma em seu livro "Cristãos rumo ao século XXI": "*Dado o fraco nível de escolaridade do povo, os intelectuais ainda serão indispensáveis para orientar os movimentos populares durante muitos anos. Eles têm a capacidade de pensar uma ação de conjunto, de planejar, expressar, coordenar ações. Eles tem uma visão global da nação, das forças que lutam, da conjuntura.*"

Novamente valho-me da neurologia para que a gente consiga melhor entender a tarefa de interagir em uma sociedade culturalmente polarizada. O hemisfério direito e o hemisfério esquerdo estão interligados, apesar de que cada hemisfério possuir uma especialização na coordenação do corpo humano. Esta interligação é tão bem feita, que quando um paciente sofre uma lesão em uma parte dos hemisférios, ele pode com trabalho externo de estímulos, recuperar funções perdidas pela lesão. Uma área do cérebro, passa a desempenhar uma função que não lhe era própria.

Há um grande desafio às Igrejas protestantes históricas: aprender a utilizar o lúdico de nossa cultura brasileira, sem abandonar aquilo que é sua maior

herança, ou seja o sentido libertário do protestantismo. É preciso reler os reformadores.

Creio ser possível um processo onde a cultura e a contra cultura se encontrem em uma tarefa libertária da religião. Para isso é necessário equipar nossos centros de formação com outros elementos do saber humano e cultural. É o que trataremos a seguir.

Uma nova proposta de formação teológica

Penso que para se ter um resultado religioso que consiga um inculturação adequada à cultura que possuímos em nosso país, precisamos abandonar um pouco os currículos teológicos europeus e norte americanos e inserir outros elementos do saber humano, ausentes na formação conhecida até aqui, em nosso seminários teológicos:

Antropologia: É importantíssimo que tenhamos um conhecimento do ser humano no percurso da história da humanidade. É necessário compreender que possuímos apenas cinco séculos de existência como nação, como sociedade brasileira. Nossos ancestrais, tanto aqueles que já moravam nestas terras e aqueles vindos do além mar, determinam significativamente nosso comportamento como seres culturais e religiosos que somos.

Psicologia/psicanálise/parapsicologia: Estas três ciências, que atuam em campos distintos, mas que tem em comum a psique humana, precisam com urgência ser incorporadas à formação teológica. Comportamentos humanos atribuídos aos poderes do mal, nada mais são do que distúrbios, lesões, ou desvios de comportamento perfeitamente tratáveis com terapias específicas. Libertar um cidadão em sua plenitude implica em libertar-lhe de suas amarras psíquicas, que lhe retira a alegria de viver, e quando não o leva ao suicídio.

Canto: Dizem que quem fala canta. Só que o canto mexe com um hemisfério cerebral diferente do hemisfério da fala. Por isso muitas pessoas acham que não sabem cantar. Precisam na realidade, desenvolver um aprendizado que lhes é estranho. Religião sem canto, não funciona. Não há religião, por mais primitiva que seja, que se absteve do canto. Nossa cultura é toda uma só melodia. Cantar e cantar bem, é fundamental para que religião e cultura se encontrem.

Dançar: Nós os protestantes históricos não sabemos dançar. Dançar é uma atividade lúdica que abandonamos por privilegiar a razão. Somos desajeitados quando nos propomos a esta tarefa. Isso nada mais é do que falta de aprendizado. Nossos cultos e atos religiosos de qualquer natureza, seriam extraordinários se a gente incitasse o povo a dançar.

Poesia: Muito mais do que longas e chatas exegeses precisaríamos aprender a ler poesias. Na poesia não se racionaliza. A poesia tem o poder de trabalhar o sentimento das pessoas. Para cada um ela fala de forma diferente. Ela traz uma linguagem codificada, subjetiva, escrita nas entrelinhas. Ler poesia, aprender a fazer poesia. Uma tarefa que exige também aprendizado.

Dramatizar: Precisamos rever a linguagem com que nos comunicamos em nossos cultos. O drama da vida do povo foi transformado em Bíblia e precisamos que a Bíblia novamente seja devolvida ao povo em forma de drama. Quando lemos um texto Bíblico na Igreja, esta leitura é tão mal feita que não comunica nada, as pessoas logo se esquecem do que foi lido. Vejamos como é diferente as encenações da paixão de Cristo, feitas hoje em vários locais no Brasil. Há uma verdadeira comoção, porque as pessoas se inserem dentro do texto da paixão. Passam a protagonizar também o fato bíblico. No carnaval da avenida, cada um está cumprido um papel dramático. Isso requer aprendizado e muito tempo para ensaio.

Ecumenismo: É fundamental que o ecumenismo faça parte da formação das novas lideranças religiosas, para que se alcance o objetivo da inculturação, é necessário que nossa formação tenha sempre o referencial do outro. Respeitar o outro e colher dele seu valor específico e simultaneamente doar nossa riqueza, este é o grande desafio. Assim aprenderemos e detectar e valorizar a riqueza cultural tão heterogênea como a nossa no Brasil.

Conclusão: Igreja Protestante Histórica, a caminho da extinção ?

As Igrejas Protestantes Históricas estão sendo desafiadas a uma mudança de comportamento. Seus templos estão se esvaziando. Com exceção do serviço que suas escolas secundárias e universitárias prestam no ensino de elite à sociedade brasileira, as Igrejas protestantes históricas não são mais referência religiosa para quase ninguém.

Por esta razão, boa parte das lideranças destas Igrejas, estão cedendo à tentação do movimento carismático. Não há nenhuma Igreja histórica isenta desta alternativa. Quando se faz esta opção pelo movimento carismático, há intrinsecamente uma preocupação em não perder a clientela religiosa, ou de conquistar um maior número de adeptos. A questão não é a cultura, a questão é salvar a Igreja.

Como o problema persiste - ou seja, o jeito de ser protestante histórico não encontra mais eco, ressonância na sociedade brasileira como um todo, há que se fazer alguma coisa, ou do contrário, em pouco tempo vamos ser apenas uma memória histórica e alguns belos templos vazios.

Os líderes clericais e leigos das Igrejas protestantes históricas, precisam entrar na escola da cultura brasileira. Não é mais possível ignorá-la. Isso não significa que a cultura é santa e a chave única para a mediação do anúncio do Evangelho. Mas, como o Evangelho precisa ser anunciado, este anúncio implica em comunicação. E na nossa sociedade, esta comunicação precisa estar intensamente comprometida com as necessidades lúdicas de nosso povo.

Tendo o Evangelho o objetivo de libertar as pessoas de suas amarras, esta libertação precisa atingir o ser humano em sua totalidade. E a quase totalidade de nossa sociedade é movida por um perfil humano e cultural onde a razão e o trabalho possuem um valor secundário. O primordial é o lazer-prazer e o emocional - o subjetivo.

Não é possível, numa perspectiva libertária, abandonar a relação sempre conflitiva com o outro. Não sou eu que me liberto, é o outro que me liberta. Para o exercício do amor eu não me basto, necessito do outro. Quando a perspectiva de construção da comunidade é abandonada, a comunicação passa a ter como objeto o indivíduo. O crescimento pessoal perde a mediação do outro, do diferente de mim. E nisso o protestantismo histórico tem uma forte herança positiva que não deve ser desprezada. Nossas Igrejas são pequenas famílias de pessoas que se conhecem. Porém estas pequenas famílias não podem estar divorciadas da cultura brasileira.

Somos brasileiros. Possuímos uma cultura do corpo. Estes corpos estão extremamente carentes de toque, de afeto, de abraço, de erotização. A comunidade precisa cumprir um papel importantíssimo na satisfação afetiva de seus componentes.

Não creio que a mídia, do tipo "Show da Xuxa", "Pe. Marcelo Rossi" seja um caminho adequado para as Igrejas Protestantes Históricas. Acredito que podemos cumprir um papel religioso semelhante ao que o Teatro cumpre na cultura. No teatro a comunicação é muito mais elaborada, feita geralmente com um grande elenco de pessoas, envolvendo a platéia. A TV tem como destinatário, a massa. O teatro tem a platéia pequena como objetivo. No teatro, o ator sabe quem foi ver o espetáculo. A TV só conhece os números do ibope.

Creio que aqui na cultura brasileira, as igrejas históricas continuam tendo um papel fundamental: Somos uma minoria que tem história, que tem conhecimento acumulado, que tem capacidade de perceber o todo. Temos uma experiência religiosa pautada pela construção de pequenas comunidades onde todos se conhecem. Essa experiência está morrendo no mundo pentecostal carismático onde se reúnem multidões de pessoas.

Acredito que as Igrejas Históricas, e principalmente o anglicanismo poderão ter um papel importantíssimo no mundo novo que vem vindo depois do fim da modernidade. Um mundo onde as pessoas precisarão de amor, de carinho, de toque e de afeto.

Não esqueçamos que na Idade Média, quando a Igreja Oficial perdia completamente seu compromisso Evangélico, unindo-se ao Estado e sendo uma força política tão expressiva que nada no mundo existia sem a bênção da Igreja, o verdadeiro espírito evangélico era mantido, quase que em cativeiro, no interior dos mosteiros de diferentes tradições cristãs.

Aquilo que muitos evangélicos condenam na história da Igreja Católica no período da Idade Média, hoje vemos se reproduzir de forma assustadora no mundo da política contemporânea. Basta ver quantos evangélicos hoje exercem seus mandatos nos diferentes espaços da política. Não estamos vendo se repetir a história de união entre Igreja e Estado?

Acredito que as igrejas protestantes históricas são os mosteiros contemporâneos. Temos uma riqueza que precisa ser preservada. Abandonar esta riqueza e entrar na onda da Igreja televisiva e mercadológica é a tentação mais forte hoje entre nós. Tenhamos paciência. Um novo momento civilizatório está por chegar. Tenhamos o despojamento que os monges tiveram – sobrevivendo das migalhas e esmoladas da sociedade, mas sem nunca vender sua dignidade.